

sobre a Igreja como sacramento ou «sinal eficaz do divino na história». Realça-se aí a definição que a Igreja dá de si mesma, implicando um factor humano, uma missão para com o homem e a presença do divino na mesma Igreja. A última parte trata expressamente daquela condição que permite à Igreja ser sacramento de Cristo. É o que Giussani chama a verificação do divino na vida da Igreja, considerando como lugar de verificação a experiência humana e realçando que «a árvore se reconhece pelos seus frutos».

Não sendo propriamente um tratado de eclesiologia, este livro pode constituir um excelente subsídio para quantos se dedicam ao aprofundamento do mistério da Igreja, no âmbito alargado do mistério de Deus, do mistério de Cristo e do mistério do homem, em favor do qual traçou Deus o seu desígnio de salvação. Mas também para quem, na linha da preocupação eclesial e apostólica, sofre por, muitas vezes, não ver a Igreja ser o sinal vivo que deveria ser, e trabalha para que o seja.

JORGE COUTINHO

PASTORAL

MARTÍNEZ DÍEZ, Felicísimo, **Al Servicio de la Fe. La misión de la Iglesia en tiempos de crisis**, col. «Frontera», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid 2012, 407 p., 210 x 135, ISBN 978-84-285-4065-0.

Neste livro, Martínez Díez – dominicano, professor no Instituto Superior de Pastoral de Madrid – oferece uma série de propostas para a acção pastoral na sociedade dos nossos dias. Chama a atenção para alguns alarmes que não podem deixar

a Igreja indiferente; sugere respostas a desafios pastorais mais urgentes; pugna por uma Igreja mais participativa; procura caminhos para a (nova) evangelização como tarefa prioritária em face de um mundo secularizado e de uma cultura laica; realça a importância da experiência cristã.

No capítulo sobre os alarmes, em pertinentes reflexões, aborda coisas como o debilitamento da fé, o problema da linguagem na Igreja, o divórcio com a modernidade, o grito que vem dos pobres. Sobre uma pastoral renovadora da experiência cristã, insiste no problema da linguagem; na necessidade de se criarem verdadeiras comunidades cristãs com verdadeiras práticas comunitárias; e, de modo semelhante, de se cultivarem dinâmicas de iniciação cristã. Dá o seu contributo para que, na liturgia, se celebre indissociavelmente a fé e a vida, sem esquecer a problemática das (cada vez mais frequentes) celebrações sem presbítero. Aborda os fenómenos simultâneos da secularização e do «despertar religioso»; a necessidade de educar para a convivência, a tolerância e o ecumenismo; o lugar do cristianismo nos centros da vida moderna. Sobre a evangelização, enfrenta questões como: Em que consiste a evangelização? Que se passa com a «nova evangelização»? A problemática da transmissão da fé às novas gerações suscita-lhe alguns esclarecimentos; leva-o a analisar as condições da cultura moderna e pós-moderna que condicionam a aceitação ou a rejeição da fé.

Dois apartados são dedicados à pregação, tendo em vista o mundo mediático que está aí e a necessidade de inculturação da fé. Relevo lhe merece a pessoa do pregador e a necessidade de personalizar a mensagem (pregar com a vida ou o testemunho, antes de o fazer com a palavra), insiste em alguns predicados nessa ordem de coisas: humildade do pregador, hones-

tidade, coragem, preparação com o estudo e a oração, importância da «pregação fora da pregação (nas conversas familiares e informais com as pessoas), etc.

Dentro destas preocupações de fundo insere uma oportuna e relativamente longa meditação sobre a verdade, servindo-se de importantes contributos de S. Tomás de Aquino que podem ser úteis ainda hoje: importância da verdade e sua relação com a Verdade; importância da sua busca; etc.

Um livro, enfim, que pode ser um bom instrumento para ajudar os pastores e pregadores a afinarem a sua postura em face do mundo novo em que são chamados a exercer o seu ministério.

LUÍS SALGADO

ESPIRITUALIDADE

MARTINI, Carlo Maria, **Creo en la vida eterna**, San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid 2012, 160 p., 210 x 135, ISBN 978-84-285-4114-5.

Na linha da mais genuína espiritualidade inaciana, mas também apoiando-se nos seus largos e profundos conhecimentos escriturísticos, o Cardeal Martini, falecido em 31 de Agosto de 2012, desenvolveu em diversas oportunidades e publicara em vários livros um conjunto de textos sobre o mistério da morte e da vida além da morte. Sempre com o estilo vivo, pastoral e comunicativo que lhe conhecemos, deixando transparecer a sua própria experiência espiritual e garantindo a verdade que transmite com a força argumentativa do mestre que sempre foi. Giuliano Vignini coligiu neste livro, originalmente em italiano e agora traduzido para espanhol e editado pela San Pablo, dez desses textos.

O título «Creo en la vida eterna» é por si mesmo elucidativo daquele estilo vivo e afirmativo, que arrasta consigo o leitor a um semelhante ato de fé, ao mesmo tempo que lhe robustece a fortaleza para a travessia do umbral da morte e lhe anima a esperança de encontrar do outro lado da vida a felicidade sem sombras no regaço do Pai.

O primeiro texto enfrenta a experiência humana comum, do medo à morte. E logo mostra como Jesus supera e ensina a superar esse medo. Conexo com este tema está o que se segue, sobre a inquietude que acompanha o existir humano, especialmente na presente sociedade secularizada e por isso «sem país», convidando a encarar a existência como um peregrinar em direção ao Pai. Segue-se um texto de encorajamento para tantos de nós que temos dificuldade em aceitar o Deus do nosso Credo e que é o único que tem palavras de vida eterna. Vem depois a exortação à vigilância, com o convite a viver os «dias feriais» com o a alegria da festa. Segue-se a força da consolação de Jesus, sob o signo do amor que desconcerta as próprias consciências negras. Vem depois um belo texto sobre a beleza que salva, essa que é, antes de mais, a que é própria do «Pastor formosos». E depois, sobre a ressurreição de Jesus como o amanhecer de um mundo novo. E logo, na sua incidência sobre todo aquele que segue os passos do mesmo Jesus, «o assombro da manhã eterna», a responder ao desejo mais profundo do coração humano, de ser como Deus. No penúltimo texto merece especial atenção a sumária, mas muito bem conseguida, ideia sobre cada um dos outros novíssimos (além da morte): o juízo, como confronto coma verdade em plena luz; o inferno como «possibilidade trágica mas necessária, se quisermos tomar a sério a liberdade que Deus nos concedeu; o purgatório como processo necessário de